



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

## **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: FAROLEIROS DE CAMOCIM, JIJOCA E COMUNIDADE PRAIANA DA VILA DE JERICOACOARA - CEARÁ**

Maria Sophia Agata da Silva<sup>1</sup>  
Telma Bessa Sales<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto que segue tem como foco refletir e apresentar as discussões do projeto de iniciação científica ‘História e Memórias de Faroleiros Cearenses’, vinculado ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Esse foi desenvolvido com base na metodologia da História Oral, na região de Camocim e Jijoca de Jericoacoara, com o intuito de recuperar narrativas sobre as vivências e o cotidiano de faroleiros e seu ofício, que sofre risco de extinção. A tradição oral torna-se um canal de comunicação ideal para a construção das narrativas históricas e o compartilhamento de memórias para a formação da identidade comunitária. Os principais objetivos são realizar estudo da cultura marítima envolvendo os pescadores, as mulheres artesãs de Jericoacoara e o faroleiro, comparando a profissão antes e depois da automatização do farol, evidenciando a pluralidade do espaço estudado. Os estudos foram norteados baseando-se nos conceitos apresentados por Simone Maldonado e suas contribuições com a antropologia da pesca, assim como as discussões apresentadas sobre o ofício de pescador. Em suma, refletir sobre as memórias dos faroleiros cearenses abre leque para importante compreensão do espaço praiano, assim como as interações que permitem o desenvolvimento de comunidades que vivem do mar, de pescadores aos faroleiros e as mulheres artesãs.

**Palavras-chave:** Memória; História Oral; Faroleiros; Trabalho; Mulheres.

### **Introdução**

Com as características da população, suas práticas cotidianas e uma cultura não-escrita, a tradição oral torna-se um canal de comunicação ideal para a construção da narrativa histórica das populações de Camocim e Jijoca de Jericoacoara. O compartilhamento de memórias permite o registro das identidades comunitárias, o intuito não é alcançar a homogeneidade das narrativas, distante disso, busca-se evidenciar e valorizar a pluralidade de vivências que formam uma realidade ímpar.

Ao escolher trabalhar dentro da metodologia de história oral não pretende-se anular outras formas de escrita histórica e sim ampliar as análises sobre um passado próximo enriquecendo as memórias e histórias plurais.

<sup>1</sup> Graduanda em História na Universidade Estadual Vale do Acaraú, e-mail: [sophiaagatahist@gmail.com](mailto:sophiaagatahist@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Universidade Estadual Vale do Acaraú, e-mail: [telma\\_bessa@uvanet.br](mailto:telma_bessa@uvanet.br)



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

No contexto amplo, o uso da história oral surge como uma nova maneira de interpretação dos fatos, essa nova maneira valoriza o sujeito como narrador e compreende a importância frente à construção de histórias plurais, THOMPSON (2002) define a história oral como

o que entendemos por “história oral”? Devo dizer, desde logo, que tenho forte preferência por uma definição mais ampla: entendo por “história oral” a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. (p.9)

Para Freitas (2023), autor sobralense que propõe discussões sobre a história oral, o caráter de absoluta verdade imposta sobre as histórias de alguns indivíduos é questionável, pois essas narrativas não existem meramente como experiências particulares e sim, como produtos históricos influenciados por diversos fatores internos e externos.

Dessa forma, segundo o autor, o uso da história oral está aplicado a um determinado tempo histórico, a contemporaneidade, não possui o intuito de encontrar uma verdade sobre os acontecimentos e sim outro ponto de vista daqueles que já vivenciaram as experiências proporcionadas por acontecimentos marcantes de impacto coletivo.

Sendo assim, o trabalho com o método da História Oral concilia a utilização de vários elementos, fontes orais e também documentais, a entrevista, a exemplo, deve ser confrontada/dialogada com outras fontes que podem ir de encontro ou ao encontro das informações pontuadas pelo entrevistado. Porém para chegar no momento em que ocorre a gravação é preciso passar por um processo de análise para delimitar a base da pesquisa, o que inclui uma visão geral sobre o campo, assim como seu mapeamento e a junção com outras fontes que possam contribuir com a problemática e as ideias norteadoras (THOMPSON,1988)

A construção de uma narrativa que utiliza como metodologia a História Oral não deve ser excluyente, trata-se da possibilidade de analisar e discutir uma problemática da contemporaneidade sob várias disciplinas, sem excluir as diferenças próprias de cada ciência mas possibilitando um diálogo (MONTYSUMA,MOSES 2015)<sup>3</sup>. Para além da

<sup>3</sup> Texto apresentado no XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, Niterói- RJ, Universidade Federal Fluminense, 2015.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

História busca-se também correlacionar as narrativas com a arte, que idealiza e descreve a figura do faroleiro de forma a contribuir para um imaginário comum de solidão e isolamento da mesma, assim como das outras atividades que constituem a cultura marítima como sugere a pintura a seguir



Figura 1. Olhos do Mar, Mino- Fortaleza Airport<sup>4</sup>

A pintura que encontra-se no Aeroporto Internacional de Fortaleza Pinto Martins traz como referências vários dos elementos que serão discutidos no presente artigo, a estrutura do farol, a jangada e os pescadores ao mar constituem a interação entre os elementos da cultura praiana e vida dos trabalhadores que sobrevivem com os recursos desse ambiente. Esse local de convívio produz formas e interpretações únicas sobre a área compartilhada, além de uma rede de cooperação que depende de cada agente componente. O pescador para sair ao mar precisa da luz do farol, a artesã produz a rede de pesca e precisa do peixe, assim é sustentado o desenvolvimento das comunidades, desse modo criam-se memórias que vão proporcionar a criação também da História frente ao modo de vida dessas populações, segundo (TARGINO, 2012)

A história e a memória “se entrelaçam, se alimentam mutuamente” (FREIRE; PEREIRA, 2002). Assim também é com a tradição e a memória, a cultura e a pesca, cada uma dentro de suas especificidades, porém imbricadas. A memória pode ser uma excelente estratégia para compreender sociedades com as características aqui elencadas, buscando nos depoimentos e nas histórias de vida o ponto de vista individual e, conseqüentemente, coletivo. (p. 209)

Em consequência, os vestígios da figura do faroleiro também aparecem nesses lugares, a casa do faroleiro em Camocim é um exemplo da vida desse personagem que é tomada como objeto de análise do cotidiano do trabalhador do farol.

<sup>4</sup> Disponível em: [Obras.de.arte - Mino \(fortaleza-airport.com.br\)](http://Obras.de.arte-Mino(fortaleza-airport.com.br))



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Além do faroleiro, outros personagens também são protagonistas nas comunidades praianas, os pescadores e artesãos mantêm-se no tempo presente como sujeitos ativos que contribuíram com o desenvolvimento do local em que estão inseridos.

Propriamente na Vila de Jericoacoara, a pesca já foi a principal atividade comum das famílias nativas e de moradores dos arredores, porém, com a chegada do turismo e as mudanças das dinâmicas de consumo e trabalho, outras atividades foram introduzidas para garantir a sobrevivência, como a atividade manual do artesanato.

Com o objetivo de relacionar a pesquisa com outros elementos não tradicionais na escrita historiográfica, em diálogo com os recursos audiovisuais, realizamos um documentário, que une a gravação das entrevistas com os métodos de história oral com as artes visuais formando uma obra do audiovisual, que propõe a discussão sobre esse espaço, narrado por seus próprios agentes formadores. Inicialmente a pesquisa foi adaptada em uma proposta de documentário (*Olhares Plurais em Jijoca de Jericoacoara: artesão, faroleiros e pescadores, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=k\\_LYL2qwNa8](https://www.youtube.com/watch?v=k_LYL2qwNa8)*) para concorrer a um edital de fomento à cultura e foi aprovada com recursos da Lei Complementar nº195/2022- Lei Paulo Gustavo, da secretaria de governo, esporte e cultura da prefeitura de Jijoca de Jericoacoara .

Na construção do documentário, as entrevistas foram realizadas com moradores e trabalhadores de Jijoca de Jericoacoara, que exercem um ofício relacionado à cultura marítima. São: José Gleison, pescador, Francisco das Chagas, pescador e artesão/crocheteiro, Maria Irisneide, artesã/crocheteira, Ednilsa Marciano, artesã/crocheteira e Antonio Arlindo, nativo de Jericoacoara. O documentário dá visibilidade às narrativas e memórias dos protagonistas sociais sobre o cotidiano de trabalho e lazer.

### **Camocim e Jijoca de Jericoacoara: os Faróis existem?**

O tema abordado neste artigo além de falar sobre os trabalhadores do mar, volta sua análise para a estrutura que abriga o faroleiro, o farol, essa construção que sempre esteve presente em lendas, mitos e mistérios. Na ilha de Faros em Alexandria, foi



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

construído o primeiro farol que se tem notícias na história da humana, hodiernamente o conceito de farol conforme definição da Capitania dos Portos de Rio Grande do Norte-Marinha do Brasil, é

Farol é um auxílio à navegação constituído por uma estrutura fixa, de forma e cores distintas, montado em um ponto de coordenadas geográficas conhecidas na costa ou em ilhas oceânicas, bancos, rochedos, recifes ou margens de rios, dotado de equipamento luminoso exibindo luz com característica pré-determinada e com alcance luminoso superior a 10 milhas náuticas e desempenha uma função de importância inquestionável para a segurança da navegação. (Capitania dos Portos de Rio Grande do Norte, Marinha do Brasil)

Conforme o exposto, a região que hoje delimita-se como o nordeste do Brasil, compreende os estados de Alagoas, da Bahia, do Ceará, do Maranhão, da Paraíba, de Pernambuco, do Piauí, do Rio Grande do Norte e de Sergipe, destacando-se por sua vasta área litorânea, e propiciou desde o início da invasão portuguesa, a implementação de elementos que auxiliaram e auxiliam a chegada de embarcações.

Durante o início do século XVIII no estado da Bahia foi construído o primeiro farol brasileiro, como também o primeiro farol construído em território que compreende hodiernamente como as américas, situado na cidade de Salvador no Morro do Padrão, local de entrada para a Baía de Todos os Santos (BAEZ 2010). A construção do Farol da Barra marca o início de um processo de sinalização marítima que liga a ação de invasão e tomada de terras dos colonizadores portugueses, e a necessidade de reafirmar as conquistas ultramarinas. Após a construção do Farol da Barra em Salvador outras construções desse porte foram iniciadas em outras áreas do nordeste brasileiro, como assinala Baez 2010

No caso brasileiro, a história dos faróis se inicia justamente após esse lampejo tecnológico, em época que remonta ao final do período Colonial e início do período Imperial que se inicia na primeira década do século XIX, após 1808. A construção dos faróis neste período, conforme analisaremos, esteve vinculada ao processo de consolidação territorial brasileiro que aconteceu a partir da faixa costeira. (p.3)

A importância de conhecer o contexto dos faróis no nordeste e no estado do Ceará vem da conexão entre o passado e o presente que nos permite compreender um pouco dos processos que afetaram as cidades de Camocim e Jijoca de Jericoacoara e as memórias que deixadas pelos os trabalhadores do seu entorno, assim como o impacto ou os esquecimentos desses objetos de observação. Suas estruturas físicas e seu alcance



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

imaterial dialogam de forma direta ou indireta com a contemporaneidade e os novos agentes do tempo presente, ressalta Martins 2009 “Não estamos sós, em cada momento, a História faz-se com os contemporâneos e com aqueles que tornaram possível a nossa existência e constituíram as gerações que nos antecederam” (p.22).

Com contextos próximos, e histórias diferentes que dialogam, Camocim e Jijoca de Jericoacoara apresentam suas próprias características. A cidade de Camocim tem sua origem vinculada ao período imperial do Brasil (1822-1889) já em seus últimos momentos, a criação do município deu-se no ano de 1879, afirma Santos (2022) que Camocim é transformada em cidade após dez anos de existência como Vila de Camocim, no ano de 1889, por meio da Lei Provincial nº 2162, de 17 de agosto do mesmo ano. As raízes da cidade perpassam por várias camadas da História Brasileira, a exemplo dos processos de escravidão que ocorreram durante os períodos de colonização do território brasileiro, mas afinal em que momento o Farol aparece nessa história.

No ano de 1895 foi construído o primeiro Farol de Camocim, conforme documento oficial da marinha<sup>5</sup> o principal objetivo era propriamente a navegação costeira no oeste do estado do Ceará, construído na Ponta do Trapiá, nome pelo o qual o farol também é conhecido. Esse local descrito por um senso comum como um lugar distante e isolado, possibilita as narrativas criativas e místicas sobre sua função e estrutura. Segundo o *Blog Camocim Pote de História*, o Farol do Trapiá, propriamente dito, é cercado por lendas, a morte de muitos indígenas, faroleiros e outros fomentam a fama do farol como mal assombrado. Para além das lendas, a primeira vez que é citado o Farol de Camocim é no romance de Carlos Cardeal: a estrutura do farol era composta de uma casa que abrigava o faroleiro, figura responsável pela manutenção e controle do farol e uma torre, essa responsável pelos feixes de luz que caracterizam o farol.<sup>6</sup>

**Figura 4-** Manutenção no Farol do Trapiá feita por marinheiros, Camocim-CE

<sup>5</sup> Foi enviado em Ofício para a Agência de Camocim a solicitação de informações sobre os Faróis de Camocim e Jijoca de Jericoacoara em resposta a Capitania dos Portos de Camocim, Marinha do Brasil, enviou o Ofício nº56/AgCamocim-MB 30/019.01 de 28 de março de 2024, Camocim- Ceará.

<sup>6</sup> Informações com base no Blog Camocim Pote de História, disponível em: <https://pesquisecamocim.blogspot.com/search?q=farol>



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**



Fonte: Marinha do Brasil. CAMR-Centro de Sinalização Náutica Almirante Moraes Rego/Blog

Camocim Pote de História

**Figura 5-** Casa do Faroleiro, Antigo Farol do Trapiá, Camocim-CE



Fonte: Marinha do Brasil. CAMR-Centro de Sinalização Náutica Almirante Moraes Rego/Blog

Camocim Pote de História

Essa volta ao passado, o princípio da instauração das sinalizações náuticas em Camocim, choca-se com a atual realidade da estrutura dos olhos do mar no ano de 2024, essas imagens que outrora foram o tempo presente agora são apenas recordações vivas na lembranças ou fotografias que registraram um pedaço da história de Camocim. O avanço das tecnologias e o surgimento de novas necessidades que vêm atreladas a esse, culmina na necessidade de um novo farol, e a casa do faroleiro que já foi palco para muitos acontecimentos místicos, fictícios e reais foi reduzida apenas a ruínas devido às ações do tempo e a não ação do homem.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

No ano de 1895, como dito anteriormente, a construção do primeiro farol de Camocim foi concluída e a inauguração ocorreu em 15 de Novembro do mesmo ano, o que marcou a relação dos homens para com o mar. Atualmente no dia 10 de agosto de 2024, uma nova atualização foi feita no *Blog Camocim Pote de História*, registrando os novos acontecimentos

“o nosso **Farol do Trapiá** enquanto balizador dos rumos terrestres para os navegantes não existe mais. Ou melhor, não como era, não como foi inaugurado há 129 anos. O último farol foi demolido em **24 de janeiro de 2024** e no local se instalou um "farol temporário, até a construção de um novo farol no local.” (Blog Camocim Pote de História, Farol do Trapiá- A Origem)

Essa estrutura a qual faz-se referência no blog foi visitada no início da pesquisa de campo em meados de novembro de 2023, de forma inicial solicitou-se o atendimento com o faroleiro da Marinha, porém o mesmo estava de férias, então outro sargento foi direcionado para a recepção e explicações sobre a situação do farol naquele momento, o mesmo já estava sob ameaça de demolição, sendo alertado sobre os perigos de uma aproximação descuidada. Os registros dessa atividade foram realizados no início desse projeto de pesquisa e atualmente, no local foi construído uma estrutura luminosa básica para substituir o farol, porém não corresponde ao mesmo modelo do antigo farol demolido.

**Figura 7-** Farol do Trapiá antes da demolição em 2023



Fonte: SILVA, Maria S. A, arquivo pessoal, 11 de Novembro de 2023.

O olhar para Jijoca de Jericoacoara pode ser uma volta completa na história de ocupação do território costeiro do Ceará. Relatos sobre a presença humana já em



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

períodos anteriores a colonização, a autora reforça a presença indígenas na região, a tribo tremembé, que alcançou um domínio territorial possivelmente longínquo até o século XVII (VIANA 2018). O cenário de Jericoacoara foi palco para conflitos de importância significativa para o processo de colonização, entre os quais a retomada do Maranhão, esses acontecimentos foram registrados de alguma forma pelos colonizadores. As histórias que cercam a construção do Farol de Jericoacoara divergem do seu vizinho Camocim, principalmente na moradia oficial do operador do farol, o faroleiro, que na região não existiu tal qual em Camocim.

A construção do farol ocorreu no ano de 1952 no alto do serrote, essa é uma das mais belas vistas que proporciona uma visão do oceano, da vila e do nascer e pôr do sol, também possibilita o acesso para a Pedra Furada. Ademais, o farol como apresentado na figura a seguir não possui característica para ser guarnecido, isso é o alojamento do faroleiro no farol, sua estrutura não permite tal feito, a torre de concreto armado mede 6 metros de altura.

O controle do farol seguindo narra alguns nativos era feito por moradores da vila que iam todos os dias ao entardecer fazer o acendimento do farol<sup>7</sup>, a posteriori a Marinha- Agência da Capitania dos Portos de Camocim- assumiu total controle sob o manuseio do farol, sendo o faroleiro vinculado a essa instituição. O atual funcionamento ocorre por meio bateria e painel solar, ou seja, funcionam de forma automática, sendo necessário a presença do faroleiro-marinheiro apenas em caso de reparos ou mau funcionamento.

**Figura 8-** Faroleiro realizando a manutenção do Farol do Serrote, Jericoacoara-CE



<sup>7</sup> Entrevista realizada com morador da Vila de Jericoacoara, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=k\\_LYL2qwNa8](https://www.youtube.com/watch?v=k_LYL2qwNa8)



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Fonte: FONTELES, Osmar. Arquivo Pessoal.

### **Entrevista com pescador-artesão da Vila de Jericoacoara:**

Toda a condução da pesquisa leva até esse momento de partilha sobre as vivências e saberes dos trabalhadores que vivem e/ou trabalham em torno do mar. As perguntas de uma entrevista devem seguir uma linguagem simples, descomplicada e direta (THOMPSON 2002) e esse ponto foi norteador na experiência de entrevista com esses trabalhadores. Para além da premissa acadêmica que exige a escrita historiográfica, propõem espaço para discutir a singularidade e afetos que cercam esse tema, dialogar com trabalhadores que estão mais afastados dos grandes centros urbanos é também se deparar com realidades que muitas das vezes foge a normalidade do trabalhador brasileiro registrado em trabalho formal.<sup>8</sup>

O entrevistado da Associação de Crochê Jeri começa como o pioneiro neste presente texto, Francisco das Chagas Silva, 49 anos, natural de Jijoca de Jericoacoara concedeu sua entrevista no dia 31 de Março de 2024 em sua loja na Vila de Jericoacoara, o mesmo aceitou participar da gravação do documentário, sendo assim, no local estavam: Sophia Agata (entrevistadora), Telma Bessa (orientadora e produtora do documentário), Adalto Neto (Apoio de Direção e Stil), Gustavo Marques (capacitação de áudio), Elton Marques (Filmagem) e Ywnan Harly (Still).

Eis um fragmento da entrevista com FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA 31/03/2024:

**SA - Sophia Agata**

**FC - Francisco da Chagas**

**SA-** O senhor pode falar seu nome e dizer o que faz da vida.

**FC-** Meu nome é Francisco das Chagas Silva, eu trabalho com o crochê desde de 2009.

**Sophia Agata-** Quando começou a vender em Jeri?

**Francisco das Chagas-** 2009

**Sophia Agata-** Como você vendia aqui

**Francisco das Chagas-** Minha esposa vendia antes de mim, três anos atrás, aí ela me ensinou até fazer crochê, aí eu com

---

<sup>8</sup> O trabalho formal no Brasil tem como base a Legislação Trabalhista, por meio da Consolidação das Leis do trabalho, link de acesso:

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt\\_e\\_normas\\_correlatas\\_led.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_led.pdf)



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

o incentivo dela, a gente trabalhou junto vendendo na praia, ela 2007 e 2009 eu acompanhei ela vendendo na praia. Aí, em 2017 se reuniu muita gente e formou a associação, que essa nos tamos né, aí a gente teve e alcineide como presidente em 2017, em março, em abriu a gente localizou, é arrumou esse ponto alugou esse ponto e formou a associação, tinha foi com 31 sócios, aí foi saindo as sócias, foram desistindo, entrando em outras associações mas a associação continuou e hoje tem 10 sócios a associação crochê jeri. Antes do crochê eu fiz muitas coisas, eu fui pescador, trabalhei na raça, de ajudante de pedreiro, fiz de tudo, hoje se for pra mim fazer eu faço a mesma coisa, porque eu sei fazer muita coisa, mas o crochê a gente só tem que agradecer, porque é uma benção, sobrevive muitas famílias do crochê mesmo na queda da venda mas dá para sobreviver. Pescaria para nos que moramos no interior, era muito sofrido, eu pesquei 10 anos, de 1995 a 2005, foi o maior sofrimento que o pobre pode passar, porque viajar 20 km de pes para pescar, quase 40 km, 20 para ir e 20 para voltar pescando né, para sobreviver, né, porque é uma coisa que não tinha outra profissão assim para as pessoas sobrevivesse, era muito dificultoso para as pessoas sobreviverem, mas veio o crochê depois e a gente saiu da pesca.

### **Quem são as mulheres que compõem esse espaço?**

Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho após a entrada do turismo nas áreas praianas as atividades que antes eram voltada para o seio familiar, produção de peças para o uso doméstico, passaram a ser compreendidas como forma de complementação de renda, o crochê, que já era confeccionado e ensinado de geração em geração, mas não só entre família biológica como afetiva (CALDEIRA, 2023) esse passou a ser vendido para os turistas das regiões da costa. Compreende que o saber fazer da arte do crochê perpassa por várias camadas da sociedade, é parte significativa da economia social mas também engloba a vivência e a realidade das crocheteiras, o que contribui para fortalecimento individual e em comunidade (MOURÃO, 2021) foi esse fortalecimento que possibilitou a entrada efetiva das crocheteiras na realidade praiana, assim como sua interação com os demais agentes desse local, diversas mulheres passaram a contribuir diretamente com a economia local, transformando suas realidades sociais, assim como a de seu entorno.

Eis um fragmento da entrevista com EDNILZA MARCIANO 31/03/2024:



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

### **EM- EDNILZA MARCIANO**

**EM-** A gente se dispôs a vir vender aqui em ‘Jeri’, nesse tempo o turista era pouco, mas foi muito bom, a gente vendia, a gente passava uma semana em casa fazendo, né, produzindo as peças e a gente vinha vender e a gente vendia muito. Ai com o passar do tempo a gente chamou... Foi ensinando para a família, para vizinha, para as amigas, né, pra todo mundo recomeçar suas vidas fazendo crochê, então a gente ensinou, muita gente aprendeu, hoje tem bastante gente que faz crochê, tem bastante gente que vende crochê.

### **Considerações Finais**

Considerando os expostos, a realidade dos trabalhadores dos entornos dos faróis de Camocim e Jericoacoara que compõem o litoral oeste do estado do Ceará se apresenta de forma totalmente diferenciada. Os processos históricos chamam a atenção para a necessidade da valorização das estruturas dos faróis, da simbologia que carrega ao longo dos tempos nas cidades praianas.

Podemos assinalar como é importante a cultura marítima e a relação próxima do ambiente terrestre e do mar, uma relação marcada por uma dependência, uma profissão surge quando se pensa essa relação, o pescador, esse trabalhador divide seus esforços nos dois ambientes, essa unidade histórica é pautada no segredo, equilíbrio entre viver dos recursos do mar (pescaria) mas não pregar por completo esses recursos, retornando a terra com o necessário (MALDONADO, 1994), o mar foi/é a sobrevivência desses indivíduos que enfrentam desde a abundância a escassez do peixe, assim como compartilham experiências com seus companheiro de mar, da alegria a falta dos que ficaram em terra firme (TARGINO 2012).

Podemos indagar como se dá a ocupação da zona costeira na atualidade? existem conflitos e / ou programas de apoio governamental aos pescadores e comunidades?

As disputa pelos espaços praianos fazem parte do cotidiano das duas realidades, a ocupação das áreas da costa oeste do estado é dividida entre nativos, adventícios e os empresários, que busca aproveitar dos recursos marítimo para exploração turística,

Esta lógica se explicita de muitas maneiras, dentre elas a reinvenção do cotidiano



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

dos moradores nativos e também dos adventícios para conviverem com a nova realidade, marcada por conflitos de vários matizes e por construção de consensos capazes de garantir a convivência de todos no mesmo espaço social e geográfico. (FONTELES, 2015:67)

Em suma, a presença de diversos atores dentro de um mesmo contexto pode ser propícia para o conflito, todavia também expressa as possibilidades de existência de diferentes grupos que criam rede de dependência para a sobrevivência enquanto coletividade, em torno do mar todos torna-se importantes para a sustentação do ambiente, do pescador ao faroleiro, da artesã ao nativo, os conhecimentos do saber-fazer, do conhecer e do viver aproximando-os como uma parte que compõem esse ecossistema.

## Referências

ASSIS, Lenilton Francisco de. **Entre o turismo e o imobiliário: velhos e novos usos das segundas residências sob o enfoque da multiterritorialidade**- Camocim/CE. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2012.

Auxílios à Navegação. **Centro de Auxílios à Navegação Almirante Moraes Rego Marinha do Brasil.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/camr/control-de-sinais> Acesso em: 20 de Junho de 2024.

CALDEIRA, Ana Clara. **UM OLHAR PARA O CROCHÊ: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura- Artes Visuais) -Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Bauru, p.44. 2023.

FARÓIS. **Capitania dos Portos do Rio Grande do Norte Marinha do Brasil.**

Disponível em:

<https://www.marinha.mil.br/cprn/farois#:~:text=Farol%20%C3%A9%20um%20aux%C3%ADlio%20%C3%A0,caracter%C3%ADstica%20pr%C3%A9-determinada%20e%20com> Acesso em: 23 de Junho de 2024.

FREITAS, Antonio Jerfson Lins de. Por uma história oral descomplicada: algumas considerações iniciais. **Revista Historiar**, Sobral, v. 15, n. 28, p-132-146, 2023.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

FONTELES, J.O. **O Turismo Globalizado**. Revista casa da Geografia de Sobral, Sobral, v.1. p. 91-98, 1999;

FONTELES, José Osmar. Inserção dos atores sociais locais na gestão do turismo em Jericoacoara-CE. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 5, p. 54-69, 2015.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestre dos Mares: espaço de indivisão da pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 1994.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. Patrimônio, herança e memória. **Participação: Partilhando a Responsabilidade**, p. 18, 2009.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. Memória do crochê cultura afetiva em objetos biográficos. Revista de ensino em artes, moda e design, v. 5, n. 2, p. 69-88, 2021.

MOREIRA, Jorge Manuel Dobrões. **Terra à vista: os primeiros faróis estais no século XVIII**. 2009. Dissertação de Mestrado.

O Dia do Faroleiro. **ASPFA**. Disponível em: <https://www.faroleiros.pt/dia-do-faroleiro/> Acesso em: 10 de Maio de 2024.

Obras de Artes- Mino. **Fortaleza Airport**, s/d. Disponível em: <https://fortaleza-airport.com.br/pt/institucional/obras-do-artista>. Acesso em: 09 de Março de 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JIJOCA DE JERICOACOARA. Farol. **Site Jijoca de Jericoacoara**, n./d. Disponível em: <https://www.jijocadejericoacoara.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=3>. Acesso em: 26 junho 2024.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro Fenelon, v 14, 1997, p 25-39.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro Fenelon, v 14, 1997, p 25-39.

SALES, Telma Bessa; FREITAS, Antonio Jerfson Lins de (Orgs.). **História Oral: diálogos com a obra de Alessandro Portelli no Brasil**. Sobral-CE: SertãoCult, 2021.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

SANTOS, Carlos Augusto Pereira. O Farol do Camocim Antigo. **Camocim Pote de História**. Camocim, 2014. Disponível em: [CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS \(camocimpotedehistorias.blogspot.com\)](http://CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS (camocimpotedehistorias.blogspot.com)) , Acesso em: 07 Fevereiro de 2024.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Entre o Porto e a estação; cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE 1920-1970**. 2008. f. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira. **História Política de Camocim (1898 - 1987)**./ Carlos Augusto Pereira dos Santos. - Sobral CE: Sertão Cult, 2022, p. 16.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira. O Farol de Camocim. **Camocim Pote de História**. Camocim, 2014. Disponível em: [CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS \(camocimpotedehistorias.blogspot.com\)](http://CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS (camocimpotedehistorias.blogspot.com)) , Acesso em: 02 de Fevereiro de 2024.

SANTOS, Oséias Liverson Ferreira dos. **Sob a luz do velho farol: construindo novas narrativas para as ruínas da casa do faroleiro**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

SILVA, MARIA. **Farol do Trapiá Antes da demolição**. Arquivo Pessoal, 2023.

TARGINO, Gekbede Dantas. **Sobre as águas: a tradição e a pesca artesanal em três comunidades de Reserva Extrativista Acaú-PB/Goiana-PB**. 2012. 254 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.

THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade**. História Oral, 5, 2002, p.9-28.

VIANA, Verônica Pontes. **Dinâmicas culturais e ambientais na praia de Jericoacoara, Jijoca de Jericoacoara, Ceará – Brasil**. 2018. 365 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018, (p. 105- 200).